

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Comércio Indústria Class.: 331

Data: 29.05.91 Pg.: \_\_\_\_\_

Nacional

Comunidade indígena. Seriedade no trato de questões ambientais.

**R I O** — O coordenador-geral do Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência, o índio Marcos Terena, da tribo Terena de Mato Grosso do Sul, advertiu ontem que a participação indígena na 2.ª Conferência Mundial do Meio Ambiente (ECO-92) não pode se transformar em uma festa ou acontecimento folclórico. "Não vamos brincar de índio, como diz a Xuxa, mas colocar questões ecológicas e de sobrevivência dos povos da floresta muito sérias", disse.

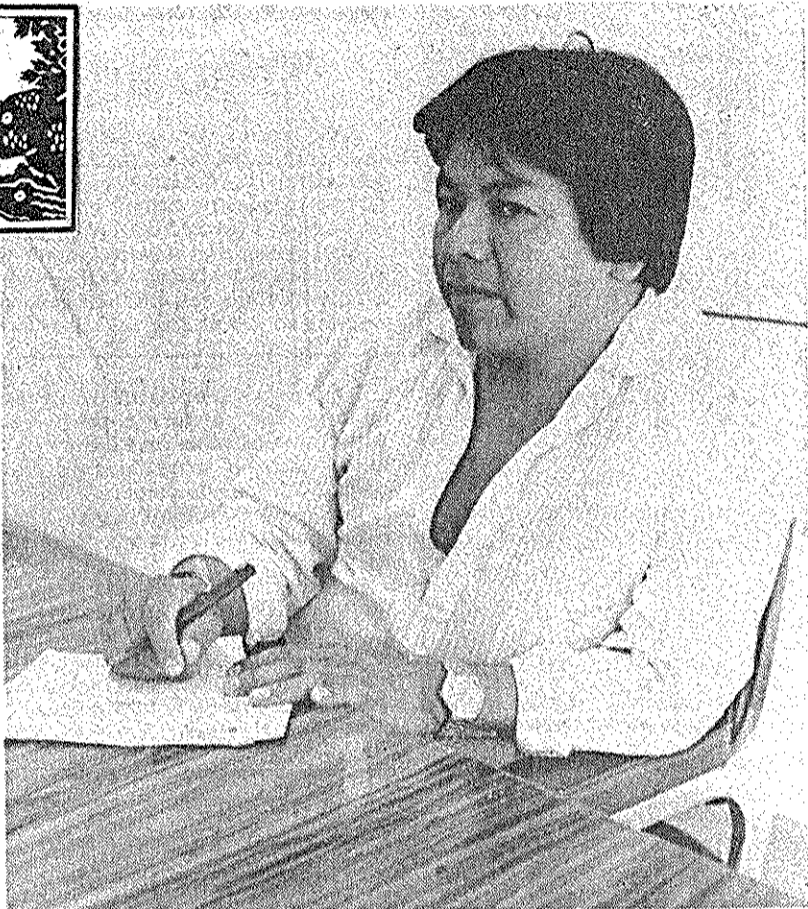


Terena participou da reunião de discussão da importância da conferência paralela à ECO-92 que as organizações não governamentais farão, chamando a atenção para problemas ambientais sob uma ótica diferente das organizações pertencentes a governos. Seu comitê vai montar um escritório no Rio, que contará com a colaboração da Organização das Nações Unidas para suas atividades. Participarão da conferência das ONGS 350 índios estrangeiros e 450 brasileiros. Estes habitarão quatro ocas que construirão, assistidos por um pajé. Virão arquitetos das tribos que perguntarão sobre as condições ambientais (água, saneamento etc.) e levarão em conta a relação espiritual com a terra, para fazer as ocas.

De acordo com Terena, os índios não querem que suas questões se transformem em uma grande festa, ou num circo. "Quando a ONU assume perante o mundo a resolução de que as populações indígenas devem ser ouvidas, consideramos isso um desafio, e não podemos deixar de levar em consideração os altos avanços tecnológicos, as corridas armamentista e espacial, pois tudo é feito com o argumento da paz e do desenvolvimento."

**DISCRIMINAÇÃO**

Terena afirmou que, para a ONU



Marcos Terena não quer que a ECO-92 se transforme em um circo

reconhecer a importância da participação indígena, foi preciso que ele e outros companheiros fossem a Genebra para conversar com dirigentes da organização em abril passado. Lá encontraram outros índios, de outros continentes, "perdidos, sem orientação". Foi criada, então, uma Comissão Indígena Internacional, que terá sede nessa cidade suíça.

O coordenador do Comitê Intertribal 500 Anos de Resistência espera encontrar-se com o governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Bri-

zola, e o prefeito Marcello Alencar, para tratar da presença indígena na ECO-92. "Vamos explicar que o relatório de impacto ambiental (Rima) que hoje tanto se fala é feito há muito tempo pelos índios. De acordo com Terena, os índios pretendem discutir na ECO-92 as causas que levam o branco a ter tanta tecnologia sem conseguir matar a fome do seu povo. "Na nossa aldeia, até a chegada do branco, não havia doença, fome ou criança abandonada."

(Luiz Carlos de Souza)

Ecologistas, dureza com os políticos

■ Luiz Carlos de Souza

**R I O** — O secretário-executivo do Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas (Ibase), o sociólogo Herbert de Souza, o "Betinho", recomendou ontem às organizações não-governamentais (ONGS) que participem da 2.ª Conferência Mundial do Meio Ambiente (ECO 92), que sejam duras com os 170 chefes de Estado que virão ao evento, pelos danos ecológicos que patrocinam ou permitem acontecer. Para "Betinho" as ONGS não devem permitir que o encontro se transforme em uma festa para esses dirigentes, mas sim em uma cobrança por suas atitudes.

De acordo com o sociólogo, como é muito fácil remeter aos pobres as culpas pela miséria do mundo, os chefes de Estado que legitimam essa situação devem ser devidamente questionados.

Se as ONGS agirem assim - advertiu - estarão saindo de uma visão parquialista da ECO-92 para um espectro mais abrangente, mundial. Serão 30 mil os participantes, lembrou, que precisam se conscientizar de que a mudança do mundo não se dará a partir dos dirigentes dos países, mas das sociedades. A conferência, disse, deve demonstrar que "ou nós mudamos, ou vamos caminhar para situações catastróficas".

O secretário pronunciou-se durante o seminário em que foi debatida a necessidade de as ONGS influírem como consciência crítica da ECO-92. "Betinho" frisou que, dentro de um mundo em que o capitalismo não se intitula mais com esse nome, mas sob a capa de "mercado", o pensamento neoliberal fala mal do Estado, mas procura fazer tudo o que lhe interessa por meio dele. Esse foi o caso do Japão, Estados Unidos e dos "tigres asiáticos", como a Coreia, citou, acrescentando um conselho: "Quando falamos de meio ambiente devemos discutir quais os Estados que queremos e que chefes são eleitos por nós."

O sociólogo salientou a necessidade de se aumentar a conscientização de que "vivemos num mundo só e que quem destrói a humanidade é ela mesma". Nessa tomada de consciência, o movimento ecológico tem colocado milhares de pessoas nas ruas da Europa e Estados Unidos e mobilizado movimentos científicos no Terceiro Mundo, informou.

No seminário, o diretor do Centro Ecumênico de Documentação e Informática (Cedi), Antony Gross, falando da reunião preparatória das ONGS brasileiras, que se realizará neste fim de semana, no Rio, disse que os países do Primeiro Mundo também têm

consciência da crise mundial, que é a dos métodos de produção e consumo: são modelos que não podem ser aplicados em outros países sob o risco de provocar tragédias.

A responsabilidade do Brasil, país sede da ECO-92, é muito grande, diante da abertura de espaço que a ONU deu às ONGS. Em razão disto, foi criado um fórum nacional para estas entidades, que já reúne 600 delas. Questões como a de que 80% dos esgotos paulistas lançados no Tietê retornam à represa Billings deverão ser tratadas com toda clareza, disse. O fórum das ONGS nacionais vai elaborar um relatório alternativo à ECO-92.

O presidente da Fundação Ambiente e Recursos Naturais da Argentina, Pedro Tarak, disse que "estamos diante de uma ruptura, uma oportunidade histórica de chegar a uma cidadania universal. Poderemos tratar da dívida externa financeira e suas consequências nos países do Terceiro Mundo, para onde também são transferidas tecnologias, com efeitos ecológicos". Tarak acha que é importante obter da ECO-92 o reconhecimento de que os países industrializados são os responsáveis pela degradação ambiental, faltando estabelecer o princípio de compensação por danos que eles causam aos demais.